

**A LINGUAGEM E SUAS ALTERAÇÕES SOB A PERSPECTIVA
INTERACIONISTA E DISCURSIVA**

**LANGUAGE AND ITS CHANGES FROM AN INTERACTIONIST AND
DISCURSIVE PERSPECTIVE**

Andreza Shirlene Figueiredo de Souza¹

Universidade Católica de Pernambuco

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo²

Universidade Católica de Pernambuco

Resumo: O presente artigo³ objetiva mobilizar um repensar acerca da concepção de linguagem por meio da contribuição do Projeto Interacionista em Aquisição da Linguagem com De Lemos (1986, 1999, 2002) e de seu desdobramento para a Patologia da Linguagem com outros pesquisadores da Linguística e da Fonoaudiologia, bem como a Análise do Discurso (doravante AD). Com isso, pretende-se reconfigurar sentidos sobre o conceito de linguagem e de sua alteração/desvio e, conseqüentemente, de sujeito, já que ambas teorias se aproximam quanto a essas noções, pois defendem que o sujeito é constituído na/pela linguagem, e esta não é vista como mero instrumento de comunicação, mas como funcionamento dos processos discursivos. Tudo isso será analisado à luz da Análise do Discurso de linha francesa, proposta por Pêcheux (2019, 2016, 2014, 2008) e filiados, e, no Brasil, por Orlandi (2012, 2009, 2007) e seguidores e pelo Projeto Interacionista em Aquisição da Linguagem, este sobre o que versam as falas sintomáticas. Com as leituras e análises, verificou-se como gesto de interpretação que os efeitos de sentido sobre a linguagem e suas alterações podem ser ressignificados, rompendo com discursos cristalizados.

Palavras-chaves: Linguagem; Alteração/Transtorno de Linguagem; Projeto Interacionista de Aquisição da Linguagem; Análise do Discurso francesa.

Abstract: This article aims to mobilize a rethinking about language conception through the contribution of the Interactionist Project in Language Acquisition with De Lemos (1986, 1999, 2002) and its unfolding for language pathology with other researchers of Linguistics and Speech Therapy, as well as Discourse Analysis (hereinafter AD). Thus, it is intended to reconfigure meanings about the concept of language and its alteration/deviation and, consequently, of subject, since both theories approach these ideas, because they argue that the subject is constituted in/by

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE). Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: andrezashirlene@gmail.com

² Graduada em Fonoaudiologia pela IBMR. Professora/Pesquisadora Dra do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

³ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

language, and this is not seen as a mere communication instrument, but as the functioning of discursive processes. All this will be analyzed in the light of the Analysis of the French Line Discourse, proposed by Pêcheux (2019, 2016, 2014, 2008) and affiliated, and, in Brazil, by Orlandi (2012, 2009, 2007) and followers and by the Interactionist Project in Language Acquisition, this about what symptomatic statements deal with. With the readings and analyses, it was verified as interpretation management that the effects of meaning on language and its alterations can be re-signified, breaking with crystallized discourses.

Keywords: Language; Language Disorder/Disorder; Interactionist Language Acquisition Project; Analysis of the French Discourse.

Submetido em 24 de setembro de 2021.

Aprovado em 11 de janeiro de 2022.

Introdução

É imprescindível pensar na concepção ideal que a linguagem carrega na sociedade há décadas (conceito perenizado), bem como ao simplismo tangenciado à fala, desconsiderando toda sua carga de trânsito de teorização e heterogeneidade, principalmente, no que versa acerca da patologia/transtorno/alteração/desvio de linguagem. A noção de desvio (vista como não-ideal), pauta-se na standardização da língua padrão, ou melhor dizendo, como aponta Lier-De Vitto e Andrade (2011) no método descritivo e explicativo em que se dá a noção de erro. Por isso, faz-se tão necessária a análise do presente trabalho, pois problematiza a unidade de uma teoria para a linguagem, principalmente, a que reduz a linguagem em “caixinhas” de certa/ideal e de errada/desviante. Nesse sentido, uma reflexão sobre a escolha da abordagem que irá trilhar a corrente teórico-metodológica enfatizada acerca da linguagem e fala durante o processo das práticas discursivas em jogo é fundamental, pois pode ressignificar o sujeito e seu funcionamento linguístico-discursivo.

É relevante ressaltar que a escolha pelas nomenclaturas – *alteração* e *desvio*, neste artigo, dá-se para problematizar a visão organicista que cristaliza a língua entre certa e errada, já que as teorias balizadas no estudo visam ao funcionamento da linguagem para além da patologia/doença. Nesse caso, o empirismo perde terreno, e quem entra em cena é o sujeito capturado pela linguagem, com toda carga de incompletudes, faltas e falhas que constitui a própria “ordem da língua/linguagem”, conforme a teoria interacionista que permeia este estudo. Diante disso, desdobram-se sentidos acerca da visão da linguagem, desmistificando discursos cristalizados sobre ela, uma vez que a perspectiva

interacionista e discursiva, bases teóricas desta pesquisa, rompe com a ideia de equívoco, essencial para mudar o olhar para os transtornos de linguagem.

Nesse contexto, este artigo propõe abordar de forma reflexiva por meio da pesquisa bibliográfica, a complexidade que a nomenclatura fala/linguagem carrega a partir da perspectiva do Projeto Interacionista em Aquisição da Linguagem e Patologia da Linguagem, termos e concepções defendidos por Cláudia De Lemos (2002) e filiados, e da AD de linha francesa, perpetuada por Pêcheux e seguidores, já que para esta teoria, discurso/linguagem não podem ser reduzidos à fala. Nesse sentido, conforme defende Orlandi (2007, p.22) “discurso não é a fala”; por isso, faz-se necessário, estudá-la com suas singularidades e desvios sob o olhar linguístico-discursivo, focando a linguagem em seu funcionamento, ou seja, considerando o real da língua⁴ como elemento dos processos interacionais/discursivos.

Logo, a visão de língua-linguagem-fala vai para além de uma interação como simples instrumento de comunicação, pois como aborda De Lemos (1986, 1999), resulta de efeitos entre os significantes durante os processos discursivos, ou seja, considera todo o funcionamento discursivo entre os sujeitos por meio das práticas dialógicas, a saber, reconhece, como propõem Carvalho e Lier-De Vitto (2008, p.116), a “ordem da própria língua”, com suas incompletudes e assume um “compromisso com a fala da criança” (neste artigo, essa visão é ressignificada para todos os sujeitos e não apenas às crianças, já que a própria teoria interacionista se desdobra, o que gera o compromisso na realidade com a linguagem) com todo seus pormenores.

Para tanto, este trabalho designa-se a realizar uma reflexão acerca dessa concepção linguístico-discursiva e trazer contribuições das teorias supracitadas para análise e funcionamento discursivo do sujeito com alteração/desvio de linguagem. Logo, o artigo está segmentado em três partes. A primeira versa acerca do Transtorno de Linguagem e algumas concepções teóricas, bem como a mudança de paradigmas, já que a partir das teorias mencionadas, ganham vários deslocamentos, “olhares”, uma vez que não se visa cristalizar sentidos, mas indagar, a partir das teorias propostas. A segunda parte, toca na relevância da teoria do Projeto Interacionista de Aquisição da Linguagem e Patologia da Linguagem com De Lemos (1995, 2002) e seguidores, como colaboração

⁴ Tanto para Análise do Discurso quanto para o Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem, ambas pautadas na Psicanálise, a linguagem é vista em funcionamento, repleta de incompletudes, por isso sujeita a falhas/equívocos e nunca a uma idealização/completude.

para as práticas discursivas entre os sujeitos, buscando ressignificar o sujeito em seu funcionamento discursivo, tocando em questões como interação na patologia da linguagem. Já a terceira, aborda a concepção de língua/linguagem sob o viés discursivo e sua contribuição para apontar desdobramentos de sentidos para/com as alterações/desvios da linguagem.

1. O Transtorno/Alteração de Linguagem sob perspectivas teóricas e a mudança de paradigma

É importante salientar que a linguagem é fonte de investigação de várias ciências e, conseqüentemente, de diversas correntes teóricas e metodológicas, mudando de visão de acordo com a filiação teórica que se quer abordar. As duas teorias que serão enfatizadas ao longo deste trabalho, partem do princípio do funcionamento da linguagem, ou ordem da língua(gem), sujeita a falhas e do sujeito constituído na/pela linguagem (invertendo o paradigma acerca de língua/linguagem como homogênea, ideal, categorial e descritiva), ambas imbricadas à Linguística e à Psicanálise que são: o Projeto Interacionista de Aquisição da Linguagem e a Patologia da Linguagem, bem como a Análise do Discurso de linha francesa (AD).

Assim, pelo viés teórico da Patologia da Linguagem, deslocamento da teoria/projeto de Aquisição da Linguagem, o transtorno de linguagem é caracterizado como linguagem sintomática ou patológica, pois há uma queixa do sujeito em relação à sua fala ou sua condição de falante (LIER-DE VITTO, 2006). Logo, seria aquela em que causa um estranhamento no interlocutor, ou seja, quando a linguagem não é considerada ideal, ou como problematiza Scarpa (2006) quando a fala/sujeito não é fluente, dito de outra maneira, aquela que não segue padrões ideais, estabelecidos pela standardização da língua, como também desvios persistentes/duradouros, como aponta Lier-De Vitto (2006, p187): “da repetição”.

Já pela concepção do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014, p.42), o Transtorno de Linguagem (termo trazido por ele), caracteriza-se “pelas dificuldades persistentes na aquisição e no uso da linguagem em suas diversas modalidades (falada, escrita, linguagem de sinais ou outra)”. Elenca ainda que, “costuma afetar vocabulário e gramática”. Então, percebe-se mais uma vez que a concepção de desvio de linguagem, pela visão/discurso da Medicina, é pautada nas categorias

gramaticais/descriptivas, ou seja, a linguagem é vista como mero instrumento de comunicação e o julgamento se centra em um sujeito fluente, que a domina, porém, como indaga Scarpa (2006), essa visão que é bem problemática, já que desconsidera o funcionamento da própria ordem da linguagem, com toda carga de singularidades, falhas e incompletudes. É importante enfatizar que não se trata de negar o Manual/DSM-V, mas de refletir sobre o simplismo posto em relação à ordem descritiva da língua.

No campo do discurso da Medicina, o Transtorno de Linguagem pode ser decorrente de vários fatores, como ambientais ou neurobiológicos. Estes últimos podem afetar a função cortical superior, uma vez que o desenvolvimento da linguagem, muitas vezes, é sustentado pela forma biologizante, ou ainda como exhibe Schirmer *et al* (2004, p.97):

A etiologia das dificuldades de linguagem e aprendizagem é diversa e pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional), ocorrendo, na maioria das vezes, uma inter-relação entre todos esses fatores. Sabe-se que as dificuldades de aprendizagem também podem ocorrer em concomitância com outras condições desfavoráveis (retardo mental, distúrbio emocional, problemas sensório-motores) ou, ainda, ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada.

No entanto, a linguagem, por ser um acontecimento discursivo, pelo aporte da AD, deve ser vista muito mais como processo, do que como produto de uma gramática/estrutura descritiva, uma vez que visa analisar os efeitos de sentido durante a prática discursiva entre os sujeitos. Mas, como pensar nessa circunstância em sujeitos com alteração na linguagem? Na verdade, o legítimo problema se encontra muito mais no outro (interlocutor), isso refletido por meio do estranhamento deste para com o discurso do que fala. Essa questão toca, infelizmente, na ilusão de uma linguagem ideal e de um sujeito que controla tudo. Nesse caso, a alteração/disfluência como defende Azevedo (2019), em seu estudo sobre a gagueira, deve ser vista como:

O lugar de subjetivação, o lugar onde a língua, enquanto outro, faz efeito no sujeito e ele joga com ela, descobre regras e é levado a assemelhar-se à fala do adulto. Esta disfluência é constituinte do sujeito e permanece até o idoso, uma vez que o conceito de fluência é ideal (AZEVEDO, 2019, p. 85).

Consequentemente, pela abordagem da Patologia da Linguagem, esta produz efeito de sintoma, pois há persistência, como defende Lier-De Vitto (2006). Diante disso, a nomenclatura muito usada é a fala sintomática, que está marcada no/pelo

corporeidade⁵, ou seja, o sujeito fica enclausurado em uma fala com desvio, a saber, preso na falta ou falha, seja pelo estranhamento do interlocutor, seja pelo próprio falante, que impede a si mesmo de transpor a uma outra ordem, como defendem Lier-De Vitto (2006) e Azevedo (2017), uma vez que o ouvinte/interlocutor não deixa passar a linguagem que desvia ou a que diverge e, às vezes, o próprio sujeito também já que foi capturado pelo discurso que vem do outro (que afirma que sua fala é diferente/estranha). E assim, leva o sujeito ao sofrimento, pois o entrelaça em sua particularidade na fala.

Vale destacar que, a noção de língua defendida pelo Projeto Interacionista de De Lemos (1986, 1995, 1999, 2002) e perpetuada por Lier-De Vitto e seguidores (2001, p. 436) no campo das falas sintomáticas, deve: “proceder a articulação entre a língua/fala/sujeito”, “sendo o sujeito assumido como efeito da língua/fala”, desenvolvendo nessa proposta uma “linguagem articulada e uma teoria não-subjetiva do sujeito”. Nessa ordem, os efeitos dos significantes entre as falas dos sujeitos ganham mais importância, numa relação simbiótica entre o sujeito com o outro. Da mesma forma, considera as faltas como processo que acontece em qualquer discurso/linguagem, seja no sujeito com fala patológica, ou não.

Outro modo de abordar o Transtorno de Linguagem, pela teoria acima já citada, é o de sintoma, que se afasta da noção de déficit e cronologia (LIER-DE VITTO, 2006). Logo, um sintoma que faz sofrer, pois ignora o sujeito-língua/fala, já que desconhece, “o modo de presença do sujeito em sua fala, nas patologias de linguagem, diz que há um *desconhecimento* sobre o porquê ela acontece assim e da impossibilidade de fazê-la ser outra” (LIER-DE VITTO, 2006, p.187). E, assim, repassa uma demanda de mudança para o outro que é responsável/detentor do saber acerca da clínica da linguagem.

O sintoma faz sofrer, faz demanda de mudança: é *desconhecimento* que convoca um saber suposto ao outro-terapeuta...pede uma *interpretação* que possa fazê-lo “passar a outra coisa”. Como tenho insistido, o *sintoma* faz inscrição particular na comunidade dos falantes. Por isso sujeitos com falas sintomáticas vão à clínica com uma demanda de transformação no/do corpo da fala – indício do fracasso das interpretações quotidianas e de que sintoma não é simetrizável a “erros” que outros falantes produzem ao falar (LIER-DE VITTO, 2006, p.187).

Já a noção de disfluência está atrelada aos desvios de fluência da fala. Assim, a ideia de alteração/transtorno se encontra associada a irregularidades estruturantes da

⁵ Faz referência ao corpo em Psicanálise, que para esta linha teórica, o corpo é atravessado pela linguagem, já que não há linguagem sem corpo, e vice-versa. Vale destacar que o corpo defendido pela Psicanálise é o corpo pulsional (articulação entre corpo, linguagem, afeto e sentido, diferente do corpo organismo).

língua, nas atividades metalinguísticas, uma vez que ainda na avaliação, como relata Gomes (2007, p.296), os testes ou avaliações da linguagem se concentram em tarefas linguísticas descontextualizadas e de metalinguagem, pautados, ainda, numa visão organicista dos fenômenos, desconsiderando o contexto social-histórico/discursivo do funcionamento da linguagem. Logo, a disfluência, como propõe Azevedo (2019, p. 85), “é constituinte do sujeito e permanece até o idoso, uma vez que, o conceito de fluência é ideal”, sendo uma abstração, ou seja, a disfluência é constituinte das práticas discursivas.

Por fim, a alteração/transtorno como hesitações, pausas, parafasias são inerentes à linguagem, ou seja, aparecem na fala de qualquer sujeito, pois, como aponta Orlandi (2009, 2007) e Azevedo (2006, 2017, 2019) a falta é a forma constituinte de toda prática discursiva. Nesse caso, o trabalho linguístico-discursivo, como proposto neste estudo, parece viável para abordar a linguagem em seu funcionamento, em detrimento do distúrbio organicista/biológico/neurológico. Vale ressaltar que, a concepção de linguagem para esta pesquisa não é vista como ideal, completa, que não há desvio, mas como sujeita a incompletudes e, conseqüentemente, a falhas.

2. Projeto Interacionista de Aquisição da Linguagem e a Patologia da Linguagem: contribuições para ressignificar a linguagem

A teoria/Projeto Interacionista em Aquisição da Linguagem, desenvolvida inicialmente por De Lemos (1986, 1995) e ressignificada para as falas sintomáticas⁶, com Lier-De Vitto, Arantes (2001, 2005, 2006), entre outras, serve de subsídio para o estudo dos desvios da linguagem no interacionismo, voltando o olhar para a linguagem desviante⁷, que se contrapõe à ideal. Nesse contexto, é essencial destacar ainda que o sintoma na linguagem é aquilo que faz o sujeito sofrer, e o que delimita a alteração na linguagem é a persistência a uma desproporção em relação ao padrão de linguagem *ideal* e, assim, fica uma fala que se mostra rígida a uma mudança de uma posição na linguagem (AZEVEDO, 2017), “uma fala resistente” (LER-DE VITTO, 2006, p.186).

⁶ Efeito de estranhamento que a fala causa tanto na escuta do interlocutor quanto no próprio sujeito, pois foram capturados pelo discurso organicista de sujeito falante ideal.

⁷ É importante destacar que o termo desviante está relacionado ao que se difere do modelo ideal de sujeito falante, sentido cristalizado da norma sistêmica da língua.

Nessa perspectiva da fala desviante, nesse viés teórico, as falas sintomáticas são vistas em suas especificidades e heterogeneidade (questão essa inerente à linguagem de todo o sujeito), a saber, a linguagem é analisada em seu funcionamento, pois o sujeito, corpo e linguagem (relação tríade) foge dos padrões organicista e de “aparatos descritivos que ignoram a especificidade e homogeneidade na categoria de ‘erro’ na língua” (LIER-DE VITTO, 2006, p.187). Além disso, como problematizam Scarpa (2006) e Azevedo (2019), a ideia de fluência ideal seria uma abstração, uma vez que essa consiste em irregularidades e imperfeições.

Paralelamente, é importante ressaltar que De Lemos (1999) enfoca nos seus estudos acerca do Interacionismo, as relações do sujeito com a língua (sujeito-língua), isto é, ativa reflexões da peculiaridade de como o sujeito é capturado pela linguagem, “evidenciando o outro-falante como sede do funcionamento da língua constituída” (AZEVEDO, 2017, p.33). Nessa ordem, instiga o repensar sobre o sujeito e sua fala desviante e toda problemática da sua relação com o outro.

Conseqüentemente, a articulação sujeito-língua/fala, como demonstra Arantes (2005), é de extrema importância para a compreensão de um ser não mais empírico dentro do funcionamento da linguagem. Isso também vale para sujeitos com desvio na fala, pois a alteridade e, conseqüentemente, a heterogeneidade, ganham força para a compreensão de sujeito e não mais de indivíduo, pois há trocas com o outro (o interlocutor) em um jogo com o Outro (captura da linguagem), numa relação de simbiose, já que, como expõe De Lemos (1999, p.13) “[...] nenhum elemento significa em si e por si só”.

Assim, o interacionismo proposto por De Lemos e filiados, é de uma interação que aborda/chama o outro para as trocas discursivas e, no caso da linguagem sintomática, há uma necessidade de se manter uma “interação singular”, uma vez que um sintoma seria um “acontecimento na fala que exprime a ‘prisão’ do sujeito numa falta ou falha” (LIER-DE VITTO, 2006, p.185). Nesse aspecto, demanda um novo olhar para esse outro (sujeito-língua desviante), fazendo com que mude de posição, pois este está preso/fadado por vezes ao isolamento sociodiscursivo, já que o faz diferente do sujeito fluente ideal, o que é um complicador, uma vez que nenhum sujeito tem o controle de seu discurso. O que há é uma ilusão de sujeito completo, que tem “controle de si” (LIER-DE VITTO, 2006, p.185).

Portanto, o Projeto Interacionista de Aquisição da linguagem ganha força na proposta que tange o trabalho, pois há um imbricamento com a Análise do Discurso, uma

vez que as duas teorias se articulam na mesma concepção de sujeito da Linguística e Psicanálise e, assim, ampliam a visão acerca do funcionamento da linguagem, pois vão além do mero reducionismo da linguagem como expressão de comunicação ou instrumento da língua, já que há trocas linguístico-discursivas entre os participantes, primando pela alteridade. Assim, há um processo em constante movimento de ida e vinda entre os sujeitos. Ademais, não há como sustentar a questão da patologia na linguagem, sintoma na linguagem como sinal de erro na concepção da análise linguística tradicional ou na etiologia orgânica (corpo biológico), ou seja, é necessário sempre na interação, ressignificar a interpretação para a fala desviante.

3. Ressonância da Análise do Discurso para a concepção de linguagem

A Análise do Discurso francesa pecheutiana (AD) que pauta o presente trabalho, concebe a linguagem em seu funcionamento e não, unicamente, em seu aspecto estrutural, pois a vê como processo discursivo de práticas sociais, ou, melhor dizendo, visa analisar as materialidades discursivas e não somente a categoria da língua, de acordo com as condições de produção discursiva, em consonância com os fenômenos linguísticos, históricos e ideológicos. Nessa ordem, envereda-se nos entremeios do Materialismo histórico, da Linguística e da Psicanálise. Esta última teoria é importante para a concepção de sujeito, já que a compreensão de indivíduo do empirismo é dissolvida, ideia de grande relevância para a fala desviante.

Como afirmamos, a AD é uma disciplina de entremeio, já que se pauta em análises das mais variadas materialidades discursivas e, assim, objetiva analisar o discurso atrelado ao seu contexto histórico-social de produção, ou seja, de acordo com uma situação discursiva estabelecida. Nesse caso, para a AD, o discurso está no intermédio entre a linguagem e a ideologia, como bem elenca Orlandi (2012, p.153): “O discurso é o lugar em que podemos observar a articulação ente língua e ideologia”, a saber, propõe expor o fundamental papel que a exterioridade linguístico-discursiva desempenha para a produção de efeitos de sentido. Logo, compreende a língua como um processo em constante funcionamento, ou como destaca Orlandi (2009), em constante movimento. E, com isso, a concepção de erro deveria ser ressignificada nas falas sintomáticas dos sujeitos, já que em toda língua/linguagem durante as práticas discursivas ocorrem equívocos, deslizos, falhas.

Diante disso, a noção de sujeito e não mais de indivíduo é preponderante também para a AD, pois, como aponta Orlandi (2012, p.153): “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. Logo, o sujeito para a corrente teórico-metodológica em tela é visto não do reino do empirismo, mas marcado pela ideologia e pela subjetividade - transpassado pelo inconsciente, ideológico e social (influência de Althusser e Lacan), sendo um lugar social, ou melhor dizendo, uma posição-sujeito, sempre visto em sua heterogeneidade.

Além do mais, a AD ressalta que o discurso não pode ser reduzido unicamente à fala, visão consonante com este estudo, uma vez que se compreende que o discurso está para além do verbal.

Daí que o discurso não é fala, isto é, uma forma individual concreta de habitar a abstração da língua. [...] Os discursos estão duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que os relacionam a formação discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua (ORLANDI, 2007, p.22).

Nesse viés discursivo, as condições de produção são um processo essencial para toda prática discursiva e é por meio delas que se ativam no sujeito as formações imaginárias, como as relações de forças, de sentidos e antecipação, conforme esclarecem Pêcheux ([1969] 2019) e Orlandi (2009). Em outras palavras, é pelo imaginário do sujeito que é aguçado, durante sua prática discursiva, a imagem que tem de si e do seu interlocutor, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX ([1969] 2019, p.39).

Dessa maneira, é pelas formações imaginárias que o sujeito discursivo, a partir das condições de produção, antecipará, pela via do imaginário que tem do seu interlocutor e de si, e daquele para este; como proceder no seu discurso, recaindo muitas vezes em disfluência, ocasionada muito mais pela condição discursiva (via posição-sujeito que assume, exemplo, disfluente, doente entre outros). Nesse contexto, há o desaguamento nas relações de força, que constitui uma hierarquia discursiva, determinando o que e quem deve dizer no processo discursivo estabelecido, como bem ressalta Orlandi (2009), é o poder dos diferentes lugares que determinam o discurso.

Vale ressaltar que nas posições-sujeito, bem como nas situações discursivas não há uma fronteira tão bem marcada, pois, a depender do movimento do discurso, poderá haver uma troca nesta hierarquia, uma vez que uma mesma posição pode representar

diferentes situações ou uma situação pode estender-se a diversas posições, como expõe Pêcheux ([1969] 2019):

[...] que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar (PÊCHEUX, [1969] 2019, p.39).

Mediante isso, um mesmo sujeito, a depender da posição que ocupa, pode apresentar fala desviante ou não desviante, que dependerá das condições de produção que estará no seu imaginário, sendo então, uma questão da ordem do discurso. Essa visão é defendida também por Azevedo (2000, 2006, 2017, 2019) nos seus estudos acerca da gagueira, pois afirma que esta está atrelada às condições de produção, pelo processo de antecipação que ocorre nas relações imaginárias do sujeito com gagueira, pois este foi interpelado pelo discurso da Medicina, que afirma que sua fala é disfluente/desviante e, a depender das condições de produção, o sujeito se fixa na concepção de sujeito com alteração de linguagem/disfluência.

Diante disso, por vezes, o sujeito poderá estar preso a falhas/equívocos pelo discurso do outro/Outro, ou seja, foi capturado pelo discurso cristalizado acerca do certo e errado da língua standardizada, não transmutando a uma outra ordem, pois antecipa nas suas relações imaginárias que o interlocutor o julgará pela sua fala desviante, ficando assim aprisionado pela sua linguagem sintomática.

Outro fator essencial para ressignificar as falas desviantes é analisar as Formações Discursivas (FDs) em que se inscrevem os sujeitos, pois é fundamental para saber a identificação da posição-sujeito em que ele foi interpelado pela ideologia e, a partir dessa, compreender os processos de produção de efeitos de sentido que podem ser ressignificados em relação à sua condição social, já que como ressalta Pêcheux:

[...] chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e o que deve ser dito”, articulando sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc (PÊCHEUX, [1988] 2014, p.147).

Nessa circunstância, é pela FD na qual o sujeito se inscreve, que se reconhecem as reproduções das formações ideológicas através de seu discurso diante das condições de produção. Diante disso, todo sujeito, nas suas práticas discursivas, irá ecoar sentidos da ideologia na qual identifica-se a partir do lugar-social assumido no discurso.

Assim, por meio da FD com a qual o sujeito se identifica, pode-se compreender as representações das formações ideológicas por meio de seu discurso e, assim, perceber a produção dos efeitos de sentido gerados a partir das práticas discursivas, isto é, “o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2009, p.43), ou ainda como propõe Pêcheux (2016, p. 122): “*as palavras podem mudar de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam*”. Nessa ordem, visa-se mostrar que as posições que o sujeito ocupa estão atreladas ao processo sócio-histórico. E, assim, pela via discursiva, entender em que FD o sujeito com alteração de linguagem se encontra, ou seja, se a FD que o constitui é de fracasso linguístico-discursivo ou se diverge disso.

Nessa perspectiva, a identificação do sujeito em uma FD define o que poderá comparecer, ou não, no seu dizer, de acordo com a posição sócio-histórica concedida. Assim, leva-se a compreender que os sentidos se constituem a partir das posições em que o sujeito as emprega, como defende Pêcheux ([1988]2014). Partindo disso, seria relevante pelo discurso, fazer com que o sujeito com fala desviante perceba que o equívoco faz parte de todo processo linguístico-discursivo com qualquer sujeito e, assim, fazer com que ele possa ser protagonista do seu discurso sem gerar sofrimento, pois nenhum sujeito tem o controle de si nem do discurso durante os processos discursivos e, com isso, poderia amenizar o isolamento do sujeito com fala desviante dos demais falantes de uma língua “correta”, sem deslizes/erros.

Vale salientar que a FD não é homogênea, mas apoderada por outros discursos, que vêm de outros lugares, ela nunca será unívoca, “seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições” (PÊCHEUX [1988] 2014, p.147-148).

Nessa circunstância, faz-se necessário entender que toda FD é definida a partir de interdiscursos, discursos outros que vêm de outros lugares e, conseqüentemente, o sujeito vai se identificando em uma FD, em um processo de contraidentificação, até se desidentificar e assumir a posição que a ideologia o interpelou (inserindo-se em uma nova FD). Isso tudo se dá, pelo fato de que os discursos partem de oposições, isto é, para um sujeito se identificar em uma FD, é necessário ele refutar uma outra. Logo, percebe-se que as posições ideológicas são determinantes para as FDs, pois é por meio daquelas que

o sujeito será capturado a identificar-se ou desidentificar-se ou vice-versa, lembrando que essa relação nunca será transparente, mas porosa.

Nesse caso, um exemplo para contextualizar, seria, para existir o discurso da fala disfluenta/sintomática há um discurso polarizador – a de sujeito fluente/falante ideal, que nasce do que Pêcheux ([1988] 2014, p.130) defende como: “*modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo ‘princípio’ é a luta de classes*”, ou seja, o discurso da fala sintomática “ganha vida” a partir de outro polarizador, que acaba servindo de base interdiscursiva para haver a desidentificação e, conseqüentemente, a identificação em uma FD. Entretanto, há uma relação de interdiscursividade entre as FDs, a saber, é um processo de ida e vinda e, mais precisamente, o que Courtine e Marandin (2016, p. 40) defendem “a *inconsistência* de uma FD”.

Nesse aspecto, o sujeito com alteração de linguagem pode ser interpelado por um discurso da Medicina que o captura ao fracasso discursivo e, conseqüentemente, social, ou seja, ele acaba se identificando e ecoando esse discurso, ficando preso ao sintoma, sem sair desta FD e da posição-sujeito de fracassado linguístico-discursivo. Assim, é urgente o olhar discursivo para as alterações de linguagem, uma vez que o mais importante é o funcionamento da linguagem e não a língua estanque, pois sempre há algo a ser dito, mesmo na fala que, segundo a ordem biológica desvia.

Logo, percebe-se a importância da perspectiva discursiva da AD para a concepção de linguagem, já que há um deslocamento no seu conceito, bem como no de sujeito e, com isso, visa desdobramentos para concepção das falas desviantes e, assim, mudar o “olhar” para as falas sintomáticas, já que se propõe enfatizar o funcionamento discursivo do sujeito e não a patologia biologizante.

Considerações finais

A partir do repensar acerca da linguagem e seu desvio, foi verificado que, a partir do Projeto Interacionista de Aquisição da Linguagem/Patologia da linguagem e da Análise do Discurso, houve uma (res) significação de discursos já naturalizados sobre todas as nuances que envolvem a linguagem, mostrando que ela vai além da concepção de certo ou errado, pois o ápice para as teorias supracitadas é o funcionamento da linguagem, considerando a ordem da língua/discurso, com todas as suas incompletudes e deslizos, sendo isso não concebido como equívoco ou falhas no sentido pejorativo, mas próprio da constituição da linguagem e do sujeito que é perpassado/capturado por ela.

Nesse sentido, averigua-se a importância dessas teorias, pois propõem mudar o “par de óculos” sobre a linguagem e sua alteração, uma vez que ela não pode simplesmente ser vista como categoria/sistema estandardizado, ou melhor dizendo, de forma descritiva e explicativa da Linguística, mas sim, colocando a língua no processo como elemento essencial, numa relação simbiótica – *sujeito-língua* e discurso, foco das práticas interacionistas/discursivas.

Desse modo, o estudo mostra a relevância de não poder considerar apenas uma concepção de linguagem, já que haverá deslocamentos a partir de concepções teóricas acerca dela e de seus desvios. Nesse caso, por meio das teorias em análise, é perceptível a complexidade de apenas uma teorização para a linguagem, já que visa não perenizar sentidos, mas partir de interrogações e reflexões, em um processo de idas e vindas entre teorias outras, principalmente no que tange à Linguística e Psicanálise, repensar a concepção de língua, linguagem e sujeito.

Também foi compreendido pelo ressoar de sentidos e interpretações que as teorias enfatizadas neste estudo, podem servir de vértice para vários campos de pesquisa, como, por exemplo, para os transtornos/alterações de linguagem, já que abordam e ganham destaque com os estudos de Lier-De Vitto (2001, 2006) e outros pesquisadores da teoria sobre as falas sintomáticas, visando ressignificar o sujeito e a linguagem desviante no processo discursivo, pois propõem enfatizar o sujeito em detrimento da doença.

Por fim, em termos teórico-metodológicos, ressalta-se que, as teorias supracitadas, configuram-se como ferramenta essencial para analisar a linguagem em funcionamento nos processos interacionais/discursivos, rompendo com a questão do falante *ideal*, mas *real* com toda carga de alteridade. E assim, sempre enfatizando a linguagem como elemento de essencialidade nas práticas discursivas e na constituição do sujeito e, principalmente, entre os efeitos de sentido dos significantes entre os participantes. Por isso, a linguagem não deve ser vista como uma empiria a mais, dito de outra maneira, (res) significada para além da concepção biologizante, cognitiva e emocional, já que toda prática linguístico-discursiva tem sua singularidade.

Referências

ARANTES, Lúcia. Sobre os efeitos do Interacionismo no diagnóstico de linguagem. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 47(1) e (2), p.151-157, Jan./Dez. 2005.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de et al. A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva. In: *Estudos da Língua(gem)* Vitória da Conquista v. 17, n. 1 p. 37-54 Jan/mar de 2019.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. *A gagueira sob a perspectiva linguístico discursiva: um olhar sobre a terapia*. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. *Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua*. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. Disfluência. In: FERREIRA, Thiago. *Distúrbios da Comunicação Oral em Adultos e Idosos*. São Paulo: BookToy Livraria e Editora, 2019. p. 85-124.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de; CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima. A escrita na afasia: da perda à reconstituição da linguagem. In: *Revista do GEL*, v. 14, n. 2, p. 27-52, 2017.

COURTINE, Jean- Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a análise de discurso. In: *Materialidades Discursivas*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2016. p. 33-44.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas (42) 41-69, jan./jun.2002.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Interacionismo e Aquisição de Linguagem. In: *Delta*, v.2, nº 2, p.231-248. 1986.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre. v.30, nº 04, p.09-28, setembro de 1995.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. *Sobre o “Interacionismo”*. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre. v.34, nº 03, p.11-16, setembro de 1999.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. Riso e Rubor: para falar do corpolingüagem. IN: *Corpolingüagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p.81-92.

GOMES, Juliana Brazolin. A linguagem em sujeitos com Demência de Alzheimer sob a ótica de uma concepção enunciativo-discursiva. In: *Estudos Linguísticos XXXVI(2)*, p. 293 / 300, maio-agosto, 2007.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca. Sobre o sintoma - déficit de linguagem, o efeito da fala no outro, ou ainda...? In: *Letras de hoje*, Porto Alegre. v.36, nº 03, p.245-251, setembro de 2001.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; FONSECA, Suzana C. Linguística, aquisição da linguagem e patologia: relações possíveis e restrições obrigatórias. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre. v.36, nº 03, p.433-439, setembro de 2001.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca. Patologias da linguagem: sobre as “vicissitudes de falas sintomáticas”. In: *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC/FAPESP, p.183-200, 2006.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ANDREADE, Lourdes. *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

- MARIANI, Bethania. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. In: *Polifonia* (UFMT), v.12, p. 21-31, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccenelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccenelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccenelli. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso. Textos selecionados*: Eni Puccinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccielli Orlandi. 5ª ed. Campinas: SP: Pontes Editores, 2008.
- SCARPA, Maria Ester. (Ainda) sobre o sujeito falante. In: Maria Francisca Lier-De Vitto: Lúcia Arantes. *Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPEP, 2006, p.161-180.
- SCHIRMER, Carolina Rizzoto; FONTOURA, Denise Ren da; NUNES, Magda L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. In: *Jornal de Pediatria* - Vol. 80, Nº2(supl), p. 95-103, 2004.